

A perspectiva da leitura do mundo feita pelas crianças antes da alfabetização

Bruna Quintana de Medeiros

Ana Cláudia Perpétuo de Oliveira

“Na medida em que me foi tornando íntimo do meu mundo, em que melhor o percebia e o entendia na leitura que dele ia fazendo os meus temores iam diminuindo.”

(Paulo Freire)

Resumo: O referido artigo trata-se de uma pesquisa bibliográfica e exploratória com objetivo de refletir sobre a leitura do mundo vivenciada pelas crianças antes da alfabetização. Aborda sobre as existentes possibilidades do significado de leitura, enfatizando leituras cotidianas. Apresenta a condição da criança antes da alfabetização formal, destacando a evolução da criança e seus estágios de desenvolvimento até chegar ao momento da alfabetização, por tanto foram utilizados autores Jean Piaget, Lev Vygotsky, Maria Helena Martins, Peter L. Berger. Verifica os mediadores da leitura: família, escola, cultura, destacando a importância dos mesmos para o seu desenvolvimento com a leitura. Conclui que as possibilidades de leitura enriquecem o processo formativo para que as crianças se tornem cidadãos críticos, informados e formadores de opinião.

Palavras chaves: Leitura do mundo. Desenvolvimento Infantil; Mediadores da Leitura.

1 INTRODUÇÃO

Desde cedo a leitura está presente na nossa vida, seja na rua, em casa, ou no trabalho. O sentido dado à leitura é amplo e para cada leitura que fazemos há uma subjetividade, a leitura de cada indivíduo é muito particular, se relaciona com sua vivência. Para o autor Freire (1989, p.13) “a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente”. Também as crianças reescrevem as imagens, histórias contadas conforme a leitura do mundo vivida e feita por elas até o momento. Essa leitura que muitas vezes passa despercebida. Por exemplo, quando escutamos uma música ela nos emite alguma lembrança boa, ou ruim, ou seja, a “leitura” feita da música é interpretação que cada pessoa faz, dependendo de sua vivência, sua cultura, enfim conforme sua

leitura do mundo.

A leitura do mundo que as crianças fazem antes da alfabetização é uma questão deste trabalho que tem como objetivo geral investigar como pode se dar o estímulo à “leitura do mundo” para crianças antes da alfabetização. Para tanto, são objetivos específicos: verificar as possibilidades de significado de leitura; caracterizar a condição da criança antes da alfabetização formal; identificar os benefícios e formas do estímulo à “leitura de mundo”. O interesse pelo assunto leitura do mundo, surgiu devido ao momento que estamos vivendo, onde valores sociais estão sendo esquecidos, e acredito que a mudança tem que partir através das nossas crianças o nosso futuro, então busquei saber a importância da leitura do mundo feita pelas crianças antes da alfabetização, o tão importante que é essa leitura para o desenvolvimento de um ser humano. Também a relevância se dá pela valorização da palavra escrita, que pode sugerir um “desprezo” por outras fontes de informação e aprendizado muito importantes que podem contribuir no processo formativo ao longo da vida, inclusive, na faixa etária em que ainda não se domina a palavra escrita. Essa preocupação vem do encontro da profissão de bibliotecária e com o objetivo de trabalhar em bibliotecas escolares.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho tem uma abordagem qualitativa, pois a mesma tem como finalidade compreender o assunto baseando-se em dados científicos, uma pesquisa em que “a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa.” (SILVA, 2001, p.20). Para obter os dados foi feita uma pesquisa bibliográfica e exploratória em bases de dados, buscando referências em livros, artigos científicos e páginas da web. Conforme Silva (2001, p.21 apud GIL, p.21, 1991) a pesquisa bibliográfica é elaborada “a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na Internet”, com objetivo de levantar informações sobre o problema da pesquisa e a familiarização com o assunto.

A intenção do estudo era realizar pesquisa de campo com bibliotecários que atuam em biblioteca escolar. Entretanto, devido a pandemia COVID-19 e com as escolas e bibliotecas fechadas para atendimento presencial e em outra dinâmica de trabalho, a pesquisa bibliográfica tornou-se o meio mais viável para a realização dessa pesquisa, permitindo através de leituras e pesquisas a familiarização com o problema para alcançar o objetivo do trabalho. Foram realizados levantamentos nas

bases de dados Brapci, Scielo e Google Acadêmico e alguns autores se demonstraram essenciais como Paulo Freire, por exemplo.

3 POSSIBILIDADES PARA O SIGNIFICADO DE LEITURA

Quando falamos em leitura primeiramente o que vem na cabeça é a leitura da palavra escrita, ler livros, textos acadêmicos, receitas, informativos, entre outros. Entretanto, ler vai além da leitura da palavra escrita, podemos ler de diversas formas. Como coloca Manguel (2004), ler as letras de uma página de um livro é apenas um de muitos disfarces do indivíduo, no nosso cotidiano a maioria das vezes estamos lendo algo, como complementa o autor com alguns exemplos de leituras cotidianas:

Tecelão lendo o desenho intrincado de um tapete sendo tecido; o organista lendo várias linhas musicais simultâneas orquestradas na página; os pais lendo no rosto do bebê sinais de alegria, medo, admiração; o adivinho chinês lendo as marcas antigas na carapaça de uma tartaruga; o amante lendo cegamente o corpo amado à noite, sob os lençóis; o psiquiatra ajudando os pacientes a ler seus sonhos perturbadores; o pescador havaiano lendo as correntes do oceano ao mergulhar a mão na água; o agricultor lendo o tempo no céu (MANGUEL, 2004, p.6).

Essa leitura não é exclusiva dos indivíduos que dominam o alfabeto, podem também estar presentes no cotidiano das pessoas que não foram introduzidas à aprendizagem formal da escrita. Pessoas que tiveram uma vida inteira e que agregaram muitos valores e conhecimentos que vão passando de geração em geração. Quando um adulto está aprendendo a ler, “o mesmo associa os objetos, lugares ou acontecimentos com uma certa clareza, ou seja, reconhece neles atribuídos significados a um sistema de signos para depois decifrá-los” (MANGUEL, 2004, p.7).

Vale destacar que esse tipo de leitura fez parte das mais importantes obras do filósofo Paulo Freire o mesmo sempre destacou a “leitura do mundo” como uma leitura que viria antes da leitura da palavra. Como o mesmo coloca, “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente.” (FREIRE, 1989, p.9). Tal citação destaca que a leitura escrita, ou seja, dos livros, revistas, jornais vem a ser aprendida após outras experiências de a “leitura” da vida ou do mundo ressaltando que cada ser humano têm vivências e experiências diferenciadas, portanto, cada um tem uma forma de interpretar uma determinada situação, conforme os padrões da construção de ideias em que o mesmo foi inserido.

Entre as várias formas de ler, cada pessoa interpreta de uma maneira, vale ressaltar essa leitura do mundo nas crianças antes da alfabetização, que não se relaciona necessariamente somente com a palavra escrita. Para Freire (1989) a leitura inicia quando ainda somos bebês e estamos sendo inseridos na sociedade, sendo assim ele destaca que “desde muito pequenos aprendemos a entender o mundo que nos rodeia. Por isso, antes mesmo de aprender a ler e a escrever palavras e frases, já estamos lendo, bem ou mal, o mundo que nos cerca” (FREIRE, 1989, p.40).

Aprender a ler significa também aprender a ler o mundo dando sentido a ele e a nós próprios, o que mal ou bem fazemos mesmo sem ser ensinados. Essa leitura é concedida pelas crianças no seu dia a dia, antes da alfabetização, no ambiente em que ela vive, sendo em casa com a família, brincando na rua ou nos seus primeiros anos na escola (MARTINS, 1998).

A autora ressalta que:

A leitura vai além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele. O leitor assume um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo. E o contexto geral em que ele atua, as pessoas com quem convive passam a ter influência apreciável em seu desempenho na leitura. Isso porque dar sentido a um texto implica sempre levar em conta a situação do texto e do seu leitor. (MARTINS, 1998, p.32)

Considerando a colocação da autora, o texto é lido e interpretado de várias formas por pessoas diferentes, dependendo da situação social que a mesma está inserida.

A leitura sensorial é uma das primeiras leituras identificada pelas crianças “a visão, o tato, a audição, o olfato e o gosto podem ser apontados como os referenciais mais elementares do ato de ler” (MARTINS, 1998, p.40) essa leitura começa muito cedo quando adultos leem para as crianças e mostram gravuras coloridas, sons e jogos. Martins ainda destaca que essa leitura através dos sentidos, revela um prazer singular, relacionado com sua disponibilidade e curiosidade.

O autor Goodman (1991, p.32) ressalta que o mesmo leitor pode extrair diferentes significados de um mesmo texto lido em momentos diferentes e com diferentes intenções. O autor coloca que “o leitor é transformado à medida que o conhecimento novo é assimilado e acomodado, tanto os esquemas conceituais do leitor como os valores, são alterados através da compreensão da leitura” (GOODMAN, 1991, p.26).

Ainda que a leitura possa representar uma apreensão mais ampliada de conhecimento a partir de diversos códigos, não se restringindo à escrita como

conhecemos, usualmente, o termo se associa à leitura da palavra escrita.

Nos anos 80 começa a ser usado no Brasil o termo letramento. A palavra letramento é uma tradução para o português da palavra inglesa literacy. Conforme a autora Soares (2009, p.18) “letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. A autora destaca que pessoas que não sabem ler, escrever seu próprio nome são tituladas analfabetas conforme o contexto social, mas pôr o mesmo viver em um meio onde a escrita e a leitura é dominante ele é considerado um letrado como coloca a autora (SOARES, 2009, p.24)

Se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros lêem para ele, se dita cartas para que um alfabetizado as escreva (e é significativo que, em geral, dita usando vocabulário e estruturas próprios da língua escrita), se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma, letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita.

Letramento vai além de saber ler e escrever é sobre avaliar criticamente a leitura é saber como colocar essa leitura e escrita nas demandas sociais, políticas, culturais, econômicas do dia a dia (SOARES, 2009, p.42).

O processo formativo inclui o aprendizado do alfabeto que é realizado nas escolas, mas é possível estimular e enriquecer a posterior leitura da escrita (e até a escrita em si) com as leituras possíveis antes da alfabetização.

4 A CONDIÇÃO DA CRIANÇA ANTES DA ALFABETIZAÇÃO FORMAL

A evolução do conhecimento da criança até a alfabetização é constante, em uma das obras mais conhecidas de Piaget, o autor explica a evolução da criança como “uma construção contínua comparável com a construção de um grande prédio, que à medida que se acrescenta algo, ele ficará mais sólido” (PIAGET 1999, p.14). No livro “Seis Estudos da Psicologia” Piaget destacou os estágios do desenvolvimento e caracterizou diferentes maneiras que o indivíduo interage com a realidade. Nestes estágios Piaget não definiu a idade, mas sim que os estágios sigam uma sequência.

Conforme:

1º Estágio do reflexo, ou mecanismo hereditário, assim também como as primeiras tendências instintivas (nutrições) e das primeiras emoções.

2º O estágio dos primeiros hábitos motores e das primeiras

percepções organizadas, como também dos primeiros sentimentos diferenciados.

3º O estágio da inteligência senso motora ou prática (anterior a linguagem) das regulações afetivas elementares e das primeiras fixações exteriores da afetividade.

4º O estágio da inteligência intuitiva dos sentimentos interindividuais espontâneos e das relações sociais de submissão ao adulto (de dois a sete ou segunda parte da primeira infância).

5º O estágio das operações intelectuais concretas (começo da lógica) e dos sentimentos morais e sociais de cooperação (de sete a onze, doze anos).

6º O estágio das operações intelectuais abstratas da formação da personalidade e da inserção afetiva e intelectual na sociedade dos adultos. (PIAGET, 1999, p.15).

Sendo assim o desenvolvimento se dá quando as aquisições do momento estiverem totalmente integradas com as do período anterior, evoluindo junto com o raciocínio prático da criança como coloca Vygotsky:

O raciocínio prático da criança apresenta alguns pontos semelhantes com o pensamento adulto, diferindo em outros, além de enfatizar o papel dominante da experiência social no desenvolvimento humano. De acordo com sua visão, a experiência social exerce seu papel através do processo de imitação; quando a criança imita a forma pela qual o adulto usa instrumentos e manipula objetos ela está dominando o verdadeiro princípio envolvido numa atividade particular (VIGOTSKI, 2007, p.18).

Em outras palavras, a criança imita o adulto usando os instrumentos oferecidos pelo mesmo, como um manual e finaliza a sua imitação fazendo da sua maneira, como ele crê estar correto. A fala mais primitiva das crianças é uma fala social, essa fala social que primeiramente é aprendida com os pais ou com quem a criança tem seus primeiros contatos na socialização primária.

A socialização primária é o primeiro processo de socialização, o processo garante a formação básica do ser humano, Berger (1965, p.181) destaca que “os conteúdos específicos que são interiorizados na socialização primária variam naturalmente de sociedade para sociedade”, assim podendo mudar de uma sociedade para outra por meio de atitudes e apropriação social básica como a língua e com ela, as formas de pensamento, conhecimento e comportamento. Referente ao aprendizado, o autor ressalta que há uma grande variação sócio-histórica.

O que é ainda definido como infância numa bem ser definido como estado adulto em outra. E as implicações sociais da infância variam grandemente de uma sociedade para outra, por exemplo, no que se refere às qualidades emocionais, responsabilidade moral ou capacidade intelectual. (BERGER 1965, p.183).

Assim o comprometimento social varia de uma sociedade para outra como havíamos citado acima, cita exemplos como qualidades emocionais,

responsabilidade moral ou capacidade intelectual. (BERGER 1965, p.183). Contudo, pontua-se que a leitura do mundo envolve também a socialização da criança, conforme o âmbito social que ela está inserida será feita sua leitura do mundo.

5 MEDIADORES DA LEITURA

A infância é marcada por descobertas, a criança a todo momento interage com objetos, brinquedos, manifestações culturais onde tudo é novidade. As leituras também fazem parte desse universo cheio de descobertas.

A família é de importância nesse processo. A autora Silva (2014, p.150) destaca que a “aprendizagem da leitura começa muito antes de sua formalização na escola, é um processo que nunca pode ser dado como concluído e que, nesse sentido, a sensibilização deve iniciar-se o mais cedo possível na família”. Seguindo o contexto da autora, com relação à leitura da escrita, a família é a primeira mentora porque geralmente o primeiro contato da criança com o livro é por meio dos pais ou familiares lendo histórias, lendas, cantigas. Em sua obra *Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices*, Fanny Abramovich (2005) descreve de maneira simples acerca da importância das histórias na vida das crianças para o desenvolvimento do gosto pela leitura da palavra:

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e compreensão de mundo [...] é ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve [...] (ABRAMOVICH, 2005, p.16).

As narrativas são comparadas à vida real, com seu dia a dia e despertam curiosidade em saber mais, em reproduzir o que está ouvindo. Como destaca Silva (2014, p.151) “muitas narrativas para primeira infância permitem, ainda, a reprodução de universos próximos, estabelecendo relações com a realidade envolvente, tornando mais claros exemplos particulares”. Outro fator importante que a autora destaca é a importância da leitura estar associada com o prazer, ao bem estar, e afetos.

Ler para uma criança, ouvir a criança ler mesmo que somente com a sua imaginação, levar na biblioteca, museus, centros culturais é de grande importância

na formação do indivíduo, com a continuidade desse processo na escola. Amorim (2013, p. 108) destaca que os mentores da leitura “devem desenvolver atividades que vão desde a contação de histórias, poesias musicadas, expressões artísticas de desenho, pintura, colagem, apresentações para toda a escola entre outras.” Devem planejar atividades significativas inserindo a cultura nas práticas pedagógicas, auxiliando com parceria e diálogos entre professores, familiares e também bibliotecários.

A biblioteca escolar está inserida em um ambiente fundamental no processo formativo e se destaca por duas funções: educacional e cultural, como destaca Frago (2002, p. 127)

Quanto ao primeiro, desenvolvendo habilidades de estudo independente, agindo como instrumento de auto-educação, motivando a uma busca do conhecimento, incrementando a leitura e ainda auxiliando na formação de hábitos e atitudes de manuseio, consulta e utilização do livro, da biblioteca e da informação. Quanto à atuação do educador e da instituição, a biblioteca complementa as informações básicas e oferece seus recursos e serviços à comunidade escolar de maneira a atender as necessidades do planejamento curricular.

Já na função cultural,

A biblioteca de uma escola torna-se complemento da educação formal, ao oferecer múltiplas possibilidades de leitura e, com isso, levar os alunos a ampliar seus conhecimentos e suas idéias acerca do mundo. Pode contribuir para a formação de uma atitude positiva, frente à leitura e, em certa medida, participar das ações da comunidade escolar.

Aí a importância do bibliotecário neste processo. Uma biblioteca bem adaptada disposta a promover a leitura e a cultura junto com os alunos, professores, bibliotecários e comunidade é uma grande mentora na leitura e na formação de leitores críticos e criativos. Vale enfatizar também que muitas crianças têm o seu primeiro contato com o livro apenas quando ingressam na escola e conhecem a biblioteca. Conforme IFLA (2000, p. 1) “A biblioteca escolar habilita os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis”. Assim, ressaltando a grande importância da biblioteca escolar e uso da imaginação por crianças e adultos que as frequentam, no texto ainda autor destaca que ela deve “oferecer oportunidades de vivências destinadas à produção e uso da informação voltada ao conhecimento, à compreensão, imaginação e ao entretenimento” (IFLA, 2000, p.2).

Um dos meios usados por alguns professores e bibliotecários para mediar a leitura e que não se limita à palavra escrita é a música, a linguagem sonora. No

Brasil a Lei nº 11.769, (BRASIL, 2008), sancionada visando à inserção da música como conteúdo obrigatório na educação básica. Algumas escolas utilizam a música como uma atividade interdisciplinar ou em oficinas, já em algumas matérias, professores optam por introduzir a música no plano curricular.

Na biblioteca a música potencializa a imaginação, criação e aprendizagem. Soares e Rubio (2012, p. 1) destacam que:

A música aprimora o desenvolvimento cognitivo, linguístico, psicomotor e socioafetivo da criança, pois já que estão todos correlacionados; áreas indissociáveis formam um único ser provido de necessidades, seja social, seja efetiva.

A música é uma ferramenta que aproxima as pessoas e na biblioteca junto, com o trabalho de desenvolvimento das diversas leituras possíveis, incentiva as pessoas a estarem naquele ambiente de conhecimento. Os autores Pereira; Amaral (2010, p. 2) destacam os benefícios da música:

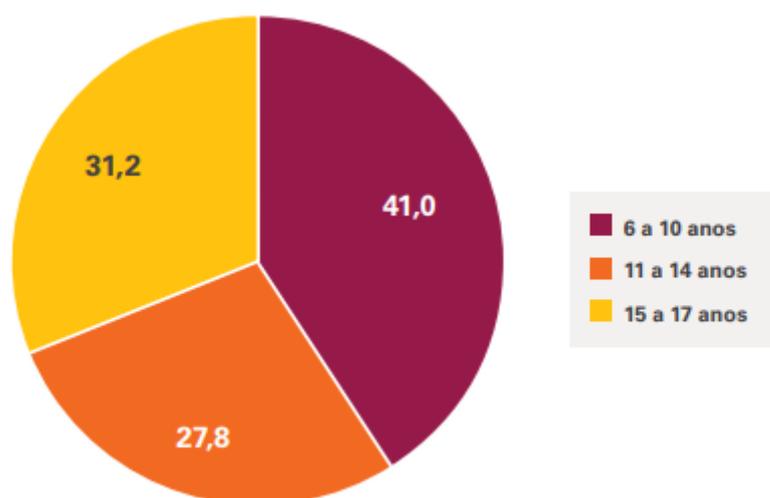
[...] A música trabalha os hemisférios cerebrais, equilibrando o pensar e o sentir. A percepção auditiva trabalha a afinação. A melodia trabalha diretamente o emocional. A harmonia desenvolve o racional e a inteligência. A coordenação motora e movimentos são estimulados através da pulsação rítmica. É sabido que ela auxilia na aprendizagem da matemática, desenvolve a concentração, habilidades intelectuais, raciocínio lógico, etc.

Atentos aos benefícios da música, pode-se dizer que a música e a leitura são aliadas no processo de aprendizagem e concentração, a música serve para estimular a criatividade da criança, por isso ela pode acompanhar danças, brincadeiras e histórias. Godoi (2011) destaca que a música tem como finalidade o desenvolvimento da criança na educação, respeitando sua individualidade, seu contexto social, econômico, cultural, étnico e religioso, entendendo que a criança é ser com características próprias, que interage nesse meio com outras crianças e também explora diversas peculiaridades em todos os aspectos o autor completa que “a música permite a experimentação de sensações e sentimentos como de tristeza e alegria estes muitas vezes são expressos através da manipulação dos instrumentos musicais que lhes são colocados à disposição” (GODOI, 2011, p. 20).

Em 2020 devido a pandemia COVID-19, a taxa de crianças e adolescentes sem acesso à educação deu um salto. Segundo pesquisa realizada pela UNICEF (2021) o número de crianças e adolescentes que ficaram sem acesso à educação no Brasil saltou de 1,1 milhão em 2019 para 5,1 milhões em 2020. A

pesquisa ainda destacou que do total, 41% têm entre 6 e 10 anos, ou seja, estão na faixa etária que ocorre a alfabetização. Conforme o gráfico 1:

Gráfico 1: índice de acesso à educação.



Fonte: IBGE. Pnad-Covid, nov. 2020. Nota: Considerou-se não frequentando a escola crianças e adolescentes de 6 a 17 anos que declararam não frequentar a escola ou que frequentavam a escola, mas não tiveram atividades escolares disponibilizadas na semana anterior à entrevista

Os dados mostram que a pandemia não trouxe somente prejuízo na economia, mas também na educação, atingindo principalmente crianças e adolescentes que já eram vulneráveis. Sem ter condições de ensino remoto, acabaram sendo excluídas dos seus direitos à educação. Nesse sentido, os mediadores de leitura já citados têm uma grande jornada pela frente em busca de formar cidadãos ativos, informados e leitores críticos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da pesquisa foi investigar como pode se dar o estímulo à “leitura do mundo” para crianças antes da alfabetização. O estudo possibilitou, ainda que de maneira incipiente, analisar algumas formas de leitura que possibilitam o apreço ao ato de ler, pensando na leitura em suas diversas concepções, como já abordado nesta pesquisa.

É possível destacar a importância de considerar a leitura do mundo de cada indivíduo, pois os autores pontuam que a leitura do mundo é diferente de pessoa para pessoa, conforme sua classe social, religião, política e cultural. Percebe-se a

evolução da criança até a alfabetização, os cinco sentidos, brincadeiras, descobertas, curiosidades entre elas a sensorial que conforme autores é uma das primeiras leituras a ser reconhecida pelas crianças. Este gosto é normalmente apresentado pelos pais ou familiares próximos e também pelos responsáveis pela educação infantil onde a criança tem sua socialização primária.

Observa-se a importância dos mediadores da leitura na primeira infância, destacando a família e a escola. Primeiramente em casa com a família seria o primeiro contato da criança com figuras, com livros, (ainda que não saiba ler a palavra). Entretanto, o acesso aos livros e outros bens culturais que poderiam estimular não faz parte da realidade da maioria dos brasileiros. A presença dos membros da família é limitada, muitos pais trabalham fora e deixam filhos com cuidadoras ou em maternais, onde os professores, auxiliares de sala, bibliotecários, assumem a responsabilidade de ser mediadores de leitura para essas crianças. Nestes casos, o primeiro contato com livro ou outros registros de conhecimento é na escola.

Observou-se ainda que atividades como hora do conto e a música são potencializadoras do gosto pela leitura e do desenvolvimento de leitores ativos e críticos desde a primeira infância. Observa-se na pesquisa o uso da música para mediar a leitura, autores destacam que a mesma é responsável pelo desenvolvimento cognitivo, motor e social.

A pesquisa possibilitou revelar alguns caminhos para estabelecer os fundamentos, as raízes no processo formativo de um leitor e, neste processo, figura como ator também o bibliotecário. A importância da leitura do mundo e recursos para fortalecer esta leitura nos desperta para o entendimento de que a informação transcende o suporte livro e a palavra escrita, ao mesmo tempo que fortalece também estes mecanismos.

No Brasil, a educação tem um histórico de precariedade, o momento atual é obscuro e os mediadores, incluindo os bibliotecários, devem somar esforços para investir na formação crítica das crianças para que possam crescer conscientes de seu lugar no mundo, prezando ideais de democracia já que vivemos em coletivo, escutando e formando opiniões.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5.ed. São Paulo: Scipione, 2005. 174 p. Disponível em: [LIVRO COMPLETO FANNY ABRAMOVICH.pdf](#). Acesso em 20 de jan. 2022.

AMORIM, Marcela Lopes Mendonça Coelho de. A biblioteca escolar: leitura e transformação. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v. 2, n.1, 2013, 19 p. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/berev/article/view/106591>. Acesso em 10 fev. 2022.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Tradução: Floriano S. L. 24.ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 248 p. Disponível em <https://cristianorodriguesdotcom.files.wordpress.com/2013/06/bergerluckman.pdf>. Acesso em 10 de set. 2021.

BORTOLIN, Sueli. **Mediação oral da literatura: a voz do bibliotecário lendo ou narrando**. 2010. 233 f. Tese (doutorado em Ciência da Informação) - Universidade estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/103349>. Acesso 20 de jan. 2022.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 11.769, de 18 agosto de 2008. Brasília, DF, 18 ago. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/11769.htm. Acesso em 28 de nov. de 2021.

DA SILVA, E. L.; MENEZES, E. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação** 4. ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001. 121 p. Disponível em <https://cursos.unipampa.edu.br/cursos/ppqcb/files/2011/03/Metodologia-da-Pesquisa-3a-edicao.pdf>. Acesso em 26 jan. de 2022.

FRAGOSO, Graça Maria. Biblioteca na escola, **Revista ACB**, Santa Catarina, v.7 n.1 p. 124-131. 2002. Disponível: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/380/461>. Acesso em 21 de jan. 2022.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Autores Associados, 1989. 46 p. Disponível em https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf Acesso em 15 de ago. de 2021.

FREIRE, P.; CAMPOS, M. D. **Alfabetização: Leitura do mundo, leitura da palavra**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. 186 p. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/e58e055>. Acesso em 24 de jul 2021.

GODOI, Luis Rodrigo. **A importância da música na Educação Infantil**. 2011. 34 p. TCC (Graduação Curso de Pedagogia) Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/2011%20LUIS%20RODRIGO%20GODOI.pdf>. Acesso em 02 de fev. 2022.

GOODMAN, Kenneth S. **Letras de hoje: um modelo psicolinguístico transacional**. Porto Alegre: Edipucrs. 1991. p. 9-31. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/16125/10586>. Acesso em 25 de nov. de 2021.

IBGE-INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. CENSO Brasileiro de 2019. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>. Acesso em 12 fev. 2022.

IFLA. Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar. Tradução Neusa Dias Macedo. São Paulo, 2000. Disponível em <https://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>. Acesso em 12 de fev. 2022

IFLA. Diretrizes da IFLA/UNESCO para bibliotecas escolares. Tradução de Maria José Vitorino. São Paulo, 2006. Disponível em <https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt.pdf>. Acesso em 12 de fev. 2022.

INDICADOR Nacional de Alfabetismo Funcional. INAF 2001: Relatório disponibilizado para a imprensa. 2018. Disponível em: <https://alfabetismofuncional.org.br/alfabetismo-no-brasil/>. Acesso em 03 de fev. 2022.

MANGUEL, Alberto. **Uma História da Leitura**. Tradução: Pedro Maia Soares. Companhia das Letras, 2004. 184 p. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5650216/mod_resource/content/1/manguel-a-uma-historia-da-leitura.pdf. Acesso em 10 de ago. de 2021.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense. p. 23-81, 2003. Disponível em: <http://tpleitura.pbworks.com/w/file/attach/64335735/Maria%20Helena%20Martins%20O%20que%20%C3%A9%20leitura.pdf>. Acesso em 20 de nov. 2021.

PEREIRA, M. M.; AMARAL, S. Tibiriçá. **A música pela música : A lei 11.769/08 e a educação musical no Brasil**. ETIC – Encontro de Iniciação Científica, São Paulo, v. 6, n. 6, 9 p. 2010. Disponível em: <http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/2455/1979>. Acesso em 02 de fev. 2022.

PIAGET, Jean. **Seis Estudos de Psicologia**. Tradução: Maria A. M. Amorim e Paulo S. L. Souza. 24. ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1999. 136 p. Disponível em: <http://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2015/01/SEIS-ESTUDOS-DE-PSICOLOGIA-JEAN-PIAGET.pdf>. Acesso em 08 de set. 2021.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. **Revista Atual**. Florianópolis, 3. ed. 121. p. 2001. Disponível em <https://cursos.unipampa.edu.br/cursos/ppqcb/files/2011/03/Metodologia-da-Pesquisa-3a-edicao.pdf>. Acesso em 20 de janeiro 2022.

SILVA, S. R. R.; RAMOS, A. M. **Leitura do berço ao recreio: estratégias de promoção da leitura com bebês**. Almedina: Coimbra, 2014. p. 150-174. Disponível

em

https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/32809/16/Leitura_do_ber%c3%a7o.pdf. Acesso em 20 de jan. 2022.

SOARES, Magda. **Letramento de um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p.128 Disponível em : https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5925603/mod_resource/content/1/SOARES_Magda_Letramento_Um_tema_de_tres.pdf. Acesso em 20 de jan. 2022.

SOARES, M. A.; RUBIO, J. A. S. A Utilização da Música no Processo de Alfabetização. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, São Roque, v. 3, n.1, 128 p.128, 2012. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Maura.pdf>. Acesso em 21 de jan. 2022.

UNICEF. Situação mundial da infância - 2003. Brasília (DF): Escritório da Representação do **UNICEF** no Brasil; 2003. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/unicef-em-acao>. Acesso em 12 de fev. 2022.

VIGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento social da mente**. Tradução : Monica Stahel M. da Silva. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 90 p. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3317710/mod_resource/content/2/A%20formacao%20social%20da%20mente.pdf. Acesso em 09 de set. 2021.